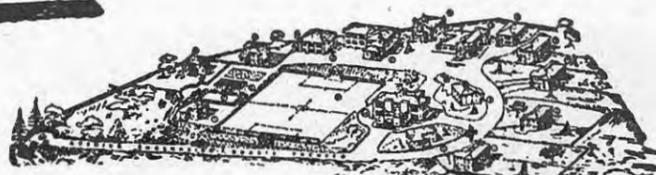




# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 490 — Preço 1\$00  
22 DE DEZEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

# Natal Carta aberta

## ao Sr. Ministro das Obras Públicas

«Por aqueles dias, saiu um édito de César Augusto para que fosse recenseado todo o mundo... José subiu também para a cidade de Nazaré, a Belém, na Judeia, pois era da Casa e família de David, juntamente com Maria, que estava grávida, afim de se recensear. Estando eles ali, completaram-se os dias de dar à luz. Deu, pois, à luz seu filho primogénito; envolveu-o em faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque para eles não havia lugar na estalagem».



É assim, com esta simplicidade, que S. Lucas nos dá a notícia da maior acontecimento da História — o nascimento de Jesus. Estamos diante de um Mistério que a nossa pobre razão não é capaz de abarcar — mistério do Amor infinito de Deus para com os homens. Até as circunstâncias que acompanham o facto nos chocam profundamente.

Mas, se Jesus nasceu e viveu há cerca de dois mil anos, a Sua presença no mundo continua tão real como durante os 33 anos da Sua existência.

continua na página QUATRO



Arruamentos. Têm portas. Têm números. Paga-se renda. Mora lá gente. Serão isto casas?... No 21, o caixão não cabe lá dentro...



Como os mais anos, também este queremos repartir com V. Ex.ª a alegria pelo que se fez em favor da habitação do indigente e do proletário e a dor pelo muito que resta fazer. Parece-nos cada vez mais cabida esta presunção de que V. Ex.ª sentirá connosco, tendo em conta as afirmações proferidas em tantos actos públicos — especialmente inaugurações de moradias — e pelo decreto-lei de que os diários de 11 de Novembro p. p. nos davam notícia, o qual nos pareceu muito debruçado sobre o problema da habitação do Pobre.

Contudo, Senhor Ministro, não seríamos verdadeiros, dizendo que exultámos pelo conhecimento de tal decreto. Deles, há muitos e bons. Mas quem os realize?...

As leis são pensadas por poucos, cheios de boa vontade. Se nem sempre resultam óptimas, trazem, ao menos, a marca da melhor intenção e de generoso desejo.

Mas quem as aplica?... Muitos, em que o espírito escasseia, quando não é simplesmente uma inexistência. E a materialidade com que são tratadas tantos assuntos fundamentalmente humanos, esteriliza a eficácia das leis e — pior e injusto — compromete aqueles poucos que as pensaram, ansiosos de legislar o melhor possível.

A Burocracia é uma multidão amorfa que começa por esmagar os próprios indivíduos que a constituem. Há entre estes muitas almas grandes e boas, a par de muitas outras que não vêem senão o seu interesse.

Mas, em geral, até na queda falta a educação do sentido social, falta que nos coloca como Povo diante dos seus problemas, após tantos Povos, cujos cidadãos não são mais qualificados do que nós.

E é pena que esta lacuna de espírito submeta tanta gente

CONTINUA NA PÁGINA DOIS

# TOTOBOLA

Seria bom poder dar, como presente de Natal, a grande nova de que o Totobola vinha aí como uma oportunidade, uma séria oportunidade de cicatrização de tantas feridas do nosso corpo social, que são milhares de Famílias sem um abrigo à medida de seres humanos! Eu sei quanto esta boa nova alegraria muitos corações preocupados com este fundamento capitulado do sofrimento humano, que é não ter casa ou ter um arremedo que nada tem de casa! Sei que seriam, pelo menos, tantos quantos lêem «O Gaiato» pelos muitos que se manifestaram e continuam a manifestar acerca desta possibilidade

de do Totobola poder fazer ainda mais, um bem sem tirar nada aos outros bens que faz, nem sobrecarregar ninguém com coisa de grande monta.

De grande monta seria apenas o resultado da Campanha: Cerca de cem contos semanais, que iriam atrair localmente, pelo menos mais trezentos — e daria na roda do ano desportivo qualquer coisa como 16 mil contos postos à disposição do Pobre e do Indigente.

Que bom seria!... Mas não é. Esta notícia é mesmo um ponto final. Aqueles nossos leitores que vão seguindo de perto as diligências e inquirindo do estado da

## CARTA de um Pároco

«...Já mandei os estatutos do Património para o Paço, que, uma vez aprovados, me foram devolvidos para serem à entidade competente. Mandei para Aveiro, falei com o Governador Civil falecido, falei com o actual (substituto) e suponho agora a coisa não demorar.

Porém não demora a licença de contribuição.

A Câmara não me passou licença para construir por ser para Pobres.

As Finanças exigem certificado de habitabilidade. A Câmara não o pode passar sem ter passado licença para a construção da casa. Sabes?, é uma ensarilhada!

Não há má vontade do lado do Presidente da Câmara, nem das Finanças. Apenas querem satisfazer a porca da burocracia que dá sarilhos por todo o lado».

questão, aqui lhes damos a conhecer a última tentativa:

Propôs-se uma larga informação ao Público por meio de imprensa pelos Agentes já que a imprensa diária não ajudou. Depois, far-se-ia uma consulta aos totobolistas sobre se sim ou não concordavam com os dois tostões para o Património dos Pobres.

continua na pág. DOIS

# CARTA ABERTA

## ao Sr. Ministro das Obras Públicas



Como é lindo um céu com estrelas! Quão belas quando brilham na terra! Já cintilam em Golães (Fafe)!

continuação da pág. UM

te (quase toda a gente!) ao culto servil do deus-dinheiro, amarrando-nos à fatalidade da nossa pobreza, de se esta não fosse mais de fé no valor do trabalho — de trabalho em comum, disciplinado — do que propriamente de meios materiais. É por isso que nos não deslumbra a melhor das leis, enquanto se não impregnarem do mesmo espírito dos seus autores aqueles que lhe dão execução. É por isso que estas casas sempre se não de fazer com dinheiro, só com dinheiro, portanto penosamente, tanto quanto é penoso fazer chegar a muito um orçamento limitado.

Ora Pai Américo disse muitas vezes do Património dos Pobres: «Estas casas não se fazem com dinheiro. Se fosse feito nenhuma». Ter-se-á enganado Pai Américo?

## Totobola

continuação da pág. UM

Julgávamos nós, que assim tudo ficava em termos de respeitar a livre vontade do Público... Pois parece que a coisa nem chegava a ser constitucional! Nem sei mesmo se os alicerces do mundo não abríamos brechas!...

Eis pois a conclusão: O Totobola não contribuirá com os dois tostões por matriz entregue para o Património dos Pobres.

Fica-nos a esperança de que o tempo sugira qualquer outra modalidade de participação, ou venha a retomar esta.

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Mas, se se enganou, como explicar o facto dessas 2.300 casas erguidas em 10 anos e dessas já perto de mil famílias que têm construído o seu lar, como o da fábula cozinhou o caldo de pedra? Mas, não se enganou, porque razão naquelas terras onde se comezou a obra por juntar o dinheiro com que a fazer, se juntou dinheiro, sim, e se não fizeram casas? Porque da mesma sorte, em outras terras onde houve legados volumosos e o capital lá está... as casas não?

Que felizes nós ficamos — isso sim! — quando vamos por aí fora ao encontro destes heroicos pais de família, que se não resignaram a morar numa choupana e levantaram quatro paredes bem talhadas, sem dinheiro mas com o seu bra-



Em Coucieiro — uma casa feita com «pequenos auxílios».

ço, que é o capital dos Pobres, e com muita fé — que as levantaram e esperam de nós que lhes cubramos ou lhes ajudemos a dividir?

Que felizes quando os vemos contentes de viver, crenças na solidariedade humana, porque houve mãos que se lhes estenderam oportunamente e tornaram possível o milagre!...

Mais felizes, quando os vemos terminar o essencial para poderem abrigar-se sob o seu telhado — e os ouvimos sonhar e somos testemunhas de como poupam e trabalham para melhorar a sua casa, para a completarem, para a alindarem!

Não são casas que se constroem! São homens que se fazem, cidadãos que se valorizam no tal sentido social que falta à maioria — são um enriquecimento para a Nação.

Já o seria se fossem só mais casas! Mas que dizer se são pessoas que se valorizam, num País onde os valores humanos são justamente o ponto central da nossa pobreza?!

Quer ver V. Ex.<sup>a</sup> um reverso de medalha?! Foi há dias que ele aí apareceu, um vizinho nosso que recorrera a um empréstimo oficial para construir a sua casa. Vinha aflito! Tinha-se empenhado até ao derradeiro extremo. Não tinha mais crédito! E o funcionário que visitou a obra deixara recado de que o empréstimo não viria de ser ultimamente a casa de banho. A exigência descia a por menores que se dispensam em casas de muito razoável nível de vida. Se lhe não acudíamos era a derrocada final! Que havíamos de fazer senão acudir-lhe? Passei hoje os cheques de materiais e mão de obra, à volta de mil escudos!

Será que a lei não faz bem em puxar para cima?

Não, nunca se puxa demasiado para cima! Preciso é que quem puxa tenha coração e senso e puxe sem quebrar.

Peço desculpa por este largo desabafo e passo, enfim, a

comunicar o que foi possível realizar de 1 de Janeiro a 30 de Novembro do ano corrente:

No Património dos Pobres dispendemos 431.663\$50, que, à média de 5 contos por casa, dá 86 unidades.

Na modalidade dos Pequenos Auxílios aos chefes de família, operários e mais vezes ainda trabalhadores rurais, que emprenderam a construção das suas casas de acordo com aquelas condições de segurança e dimensionamento, fora das quais não participamos, gastaram-se 209.720\$, o que, na média dos 1.500\$00 por casa,

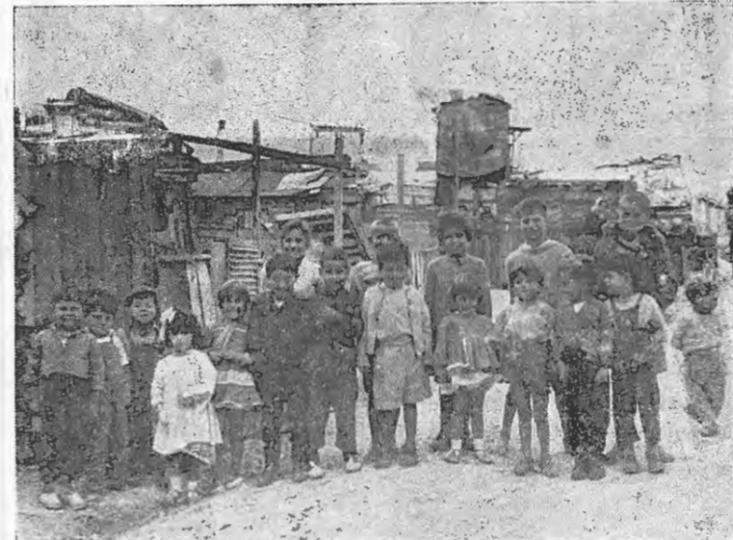
# Setúbal

O problema da habitação é dos mais sérios. Parece-me ser o mais difícil de resolver dentro dos essencialmente fundamentais à vida humana.

Eu tenho sido abordado ultimamente por uma série de aflições que me torturam e roubam a paz interior. Eu ando interiormente revoltado. Não sei contra quem, nem contra o quê. Sei que é contra a natureza que um número enor-

ir lá ver se LHE mato a sede. Levo fel e vinagre. Eu não sou outra coisa, nem tenho mais nada com que O aliviar, mas o Senhor prova, alivia-Se, por ver a boa intenção.

Os Pobres querem casa. «Arranje-me uma casinha». Não se convencem de que eu não posso arranjar casas e têm razão. Daqui a insistência: — «Arranje-me uma casinha». «Eu só tenho esperança em si e em



Em que resultarão estes sorrisos de criança, se continuar a ser este o seu ambiente?

me de famílias vivam nas condições em que estão.

Os pobres vêm aqui bater. Eu não faço alardes. Vou escondido e muito poucas vezes para o que devia. Preocupo-me sempre que a direita não saiba da vida da esquerda. A romaria não pára. Os casos são tão alarmantes que eu não tenho dúvidas nenhuma de que Cristo está a agonizar e tenho de

dá 140 delas e outras tantas famílias que passaram de proletários a pequeninos proprietários desse bem fundamental que é a sede do seu lar.

Contribuímos ainda com 10 contos para essa excelente «Auto-Construção» (pelo seu grande rendimento educativo) que vem crescendo de tanta inteligência e dedicação que lhe dá o Pároco de Aguiar da Beira.

Gastaram-se, pois, no corrente ano até àquela data, 641.393\$50, tanto quanto o Povo, em migalhinhas, depôs nas nossas mãos.

Se V. Ex.<sup>a</sup> tivesse deposto ao menos aqueles 300 contos dos últimos anos (menos 1960), chegaríamos ao fim de 1962 com aquela soma à beira do milho que se tem mantido constante desde há vários anos.

O Povo não faltou. Esperamos que V. Ex.<sup>a</sup> considerará e no próximo ano também não há-de faltar.

Dá fundamento a esta nossa esperança a multidão dos pedidos, que aguardam, com cerca de seis meses de paciência, a sua vez de serem atendidos.

Deus». A gente fica abismado e confundido. Os Pobres confiam tanto em nós. Nada merecemos, porque podíamos, se nos afligíssemos, dar-lhes casa.

No cimo duma encosta há um aglomerado de barracas. É um domingo à tardinha. No bairro há bulício, barulho de pregões, grupos a passear, pares a namorar, vida a sorrir e a gemer. Acompanha-me uma cancerosa e a mãe dela. Vamos à sua barraca. É a terceira vez que vêm

a nossa casa a pé e me pedem: «Venha ver com os seus olhinhos». Eu vou com olhos, com ouvidos, com nariz, com todos os sentidos. A porta duas moças desconfiadas, com olhares atrevidos e pouco inocentes. A cancerosa apresenta: «É minha filha e a do meu irmão». Eu curvo-me e entro. Elas entram depois. Lá fora cheirava a fossa, a bacalhau cozido, a fumo de castanhas e a resina de pinheiro. Cá dentro a podridão humana. A barraca está dividida em duas. O chão é do mesmo barro que o da rua. Numa parte, bem pequena, fazem a comida, noutra dormem. Nesta há três espécies de camas. Dormem doze pessoas. Dois casais, os dois doentes, os filhos e as filhas deles e a mãe da cancerosa. Os buracos da barraca apesar de numerosos não conseguem arejar o antro terrível onde eu já me sinto com tonturas e há apenas um quarto de hora que cá estou dentro. Dois pequenos entre os cinco e os sete anos, de rabo à mostra, entram e fogem espavoridos como animais selvagens espantados na sua toca. «São filhos

# CAL + VA RIO

Era ao findar do ano. Escassas horas restavam para o novo surgir. Havia ansiedade e expectativa como sempre nesta data. As famílias reuniam-se em torno da mesa de jantar. As ruas começavam a ficar desertas. O frio era agreste. Na azinhaga, por onde eu seguia, as casas poucas eram. Gatos enormes perfilavam à beira do caminho. Oliveiras seculares mostravam as raízes grossas cobertas de musgo. Depois de muito ter pisado o caminho dei com um alpendre. Dentro, carroça ve-

do meu irmão» esclarece a cancerosa. Eu ouvi a história. Ou melhor, as histórias. Vieram do Baixo Alentejo — o irmão mais os filhos à procura de trabalho. (Meu Deus, falou-se tanto no povoamento do Alentejo e a gente vê-o a despovoar-se. Há tantos alentejanos atraídos a esta cidade...)

Ela, como é cancerosa, vinha, para aqui se ir tratar a Lisboa, «que assim as viagens comem muito menos!»... E assim se encontram e assim vivem. Há discussões, há maus modos. Há fome, frio, promiscuidade. «Eu tenho tanta vergonha dos meus filhos», desabafa.

Eu vim-me embora. Trazia o propósito de tudo fazer para lhes dar uma casa. Aquela inocência arrancada à força das duas arranhas; a vergonha da cancerosa, o seu aspecto terrivelmente envelhecido (tem 38 anos e parece mais velha do que a mãe, que tem 70); a maldade dos rapazes; a selvageria das crianças; a imundície do ambiente geraram em mim um desejo inquebrantável de lhes dar a mão.

Quando atravessava as ruas da cidade e via os cafés a regorgitar e as ruas enfeitadas por casas risonhas, tudo tão indiferente ao drama que eu vivia, enregelava-se-me a alma e eu comentava comigo mesmo: Como é falsa a vida!... Como se vive tanto de aparências!... Hei-de ir dizer isto a toda a gente que eu puder!...

E aqui estou. Não seja indiferente. Podes alguma coisa. Pelo menos ver e falar, e, se mais, manda-me. Vamos dar-lhe a mão. Deus não sou só eu; somos todos!

Padre Aelíio

lha em meio de alfaias agrícolas. Ouvi gemer. Abeirei-me. Debaixo da carroça sobre palha, um homenzito de cabelos grisalhos, pálido, gemeu um ai fundo ao ver-me aproximar. Por aqui? — perguntei. Um que remédio foi a resposta. Quis saber a razão. Ele contou em pormenor os passos do seu Calvário. Foi ao hospital. Já ia mal. Que não podia ficar, — dizem-lhe — por via dos pulmões. Que era caso muito adiantado. Não tinha casa nem família. Andara de jornaleiro por terras diversas em busca de sustento. Fugira da terra onde nascera temendo a fome. Lá não se ganhava nada. Tentei fugir à miséria e acabei nela. Praqui estou. Diz-me que uns vizinhos já lhe chegaram leite. A testa do enfermo escaldava. A voz tremia. Os sintomas de febre alta estavam patentes. Não se tratava de um caso para simples palavras de compaixão. Era caso que exigia acção e imediata. O Senhor põe-nos embaraços no caminho para nos afligirmos com eles, muito mais que para os resolvermos cabalmente por vezes! Mas a nossa aflição é nada, se pensarmos na de tantos que, vítimas de doenças se vêem caídos na valeta, em alpendres, sem o conforto duma casa onde talvez melhorassem ou pelo menos terminassem os dias da vida terrena em poiso digno. São vários os doentes que trago de capoeiras, de currais. É muito difícil semear esperança deixando-os morrer ali. A casa limpa mais o leito alvo são tónico poderoso que, se não dão saúde, inculcem ânimo, porque revelam amor, porque geram amor.

Se os homens suspeitassem da alegria que o doente, tirado do lixo, expande, ao ver-se em conforto, ao sentir-se amado por alguém que o tomou a seu cargo, muitos seriam os que se lançariam na empreitada de abrigar enfermos da rua. Como ficariam intimamente felizes com ouvirem o eu estou no céu, pronunciado pelos doentes que saíram de antros.

Passa-se nele mistério escondido. Ele é algo de configurado com Cristo e toda a vida de Cristo foi mistério. Todo o doente merece respeito e exige compreensão para poder realizar a missão de doente, a que foi chamado. Porém, a miséria (e tantos nela apodrecem!) degrada-o, avilta-o, desumaniza-o. As suas palavras de inconfidência, por vezes sacrílegas, traduzem a degradação em que o pobre doente sucumbiu. Todo o doente precisa de condição humana, superior às dos sãos, para poder sofrer. A tarefa pesa sobre todos, porque os doentes são por toda a parte e em todos os lares. Mas os sem lar, nem casa, nem condição humana, precisam mais.

Se a Igreja de Cristo é dos Pobres, poderão eles sentir esta verdade dita ao invés — Somos os Pobres da Igreja? A tarefa é de todos, mas compete à Igreja de Cristo, sobremaneira, o não deixar perder o mérito que do sofrimento Cristo quer que advenha para a redenção do Mundo.

PADRE BAPTISTA

# BELÉM

Espectativa é disposição de alma própria da quadra que atravessamos — o Advento!

Depois do que precedeu o nascimento de Belém, em 24 de Dezembro de 58, nunca a nossa expectativa foi tão grande como agora.

Esperamos, caros leitores, que nos acompanheis neste anseio de alma que precede a mudança do nosso Presépio vivo para o local que lhe está destinado.

Ainda não chegaram esmolas que completem a primeira prestação, a entregar no acto da compra, mas como estou a escrever quinze dias antes da saída a lume destas linhas, continuo à espera daquela torrente delas que costuma anteceder o Natal e prolongar-se quase até o fim de Janeiro.

Entretanto, esperamos também que cheguem os dois documentos necessários para fazer a escritura: perdido e certificado de que a compra foi superiormente autorizada.

Não se nos dá que passemos as festas do Natal e Ano-Novo em trabalhos e mudanças e privações e invernias que nasceu «Belém». Se agora também assim acontecer, será uma maneira de vivermos mais uma vez aqueles dias do início, em vez de nos limitarmos a comemorá-los.

Será isso para nós aquele nascer de novo que recomenda Jesus. Será o meio de acompanharmos mais de perto a Sagrada Família, nos trabalhos que passou para o nascimento do Salvador. Isso atrairá a Belém as graças do Céu.

Não acharemos demasiadas as preocupações e privações que nos conduzam a realização do nosso supremo anseio na hora que passa — conseguir instalações capazes para Belém.

Tudo em nome daquele Jesus que baixou do Céu à Terra e foi nascer em árida gruta dos arredores de Belém. Que assim fez de nós todos seus irmãos e filhos adoptivos do Pai. Isto para que em tudo Deus fosse louvado.

Louvemos pois, a Jesus Menino com o Pai, no Presépio vivo que é «Belém». Ele está sempre aberto às almas de boa vontade que procuram a paz de Cristo afligindo-se, como Ele, com as dores e privações de todos os seus Irmãos.

Santo Natal.

Feliz Ano-Novo, vos desejam as belenitas e a Mãe

INES  
Belém — Viseu



Visado pela  
Comissão de Censura

Ao escrever para o último Gaiato, não imaginava quanto o caso dos desalojados «em holocausto à Ponte sobre o Tejo», no dizer do «Diário Popular», viria à publicidade. Normalmente estes são casos escondidos, como escondido tem sido o sofrimento de quem lá mora. Se bem que, como o Prof. Leite Pinto disse há dias no Círculo Almeida Garrett no Porto «a mística do comunismo é facilmente assimilada por esfomeados», eu posso dizer que ali não. E que o nosso Governo tem mais a recear dos bem instalados na vida, que dos Pobres miseráveis das barracas de Lisboa. Aqueles têm as suas horas de lazer, para pensar no que nunca ninguém pensou; para criticar o que nunca tentaram fazer; para discutir o que não ajudaram

Aqui Lisboa

a levantar. O Pobre não. O tempo que gasta a curtir a fome na esperança de ter «um gancho» que dê para o pão; o ir e vir duma «volta ao papel e algum comersinho» pelos caixotes, durante a noite, retira-o do convívio social. Não vê maus exemplos nem escândalos. Não lhe interessam jornais, senão para vender o papel velho, nem dinheiro para outra coisa que comer e se cobrir. Quantos até, já não têm apego à vida: «A gente pede mais a Deus a morte que a vida» — dizia uma mãe angustiada, que não sabia para onde mudar a sua barraca.

Porque a maior parte deles veio da província, trazem vinca-dos certos princípios cristãos, com uma dose muito grande de humildade e resignação. Tenho subido e descido por entre as barracas. Quantos me olham com uma palavra de esperança. Esperança que eu trago no peito e ponho nas tuas mãos! Como eu espero vê-los sorrir felizes em casa sua, onde tenham pão e educação! Mas que onde não fiquem querendo dormir com a fogueira acesa dentro da barraca, por falta de roupa. Casas onde não haja necessidade de dar uma volta ao papel de madrugada, para arranjar, a custo, cinco escudos para o magro pão de um dia; ou ir vender umas poucas de latas por três escudos para enganar a fome com café e pão a três pessoas adultas. Casas, enfim, por onde o Pobre possa ver o mundo à sua volta, com optimismo e não com esta resignação estóica: «Ele há pessoas que fazem falta, mas nós não fazemos nenhuma. Só andamos a sofrer». Não! Este heroísmo é admirável, mas não está certo. Quem suportaria por um dia viver dentro das suas



Aqui, Lisboa!

barracas? Nós temos graves contas públicas a dar a Deus, por tanto que se gasta e não é de primeira necessidade. Enquanto as aves têm os seus ninhos os animais suas tocas e estábulos, estes nossos irmãos não têm onde cair mortos. E são tantos a julgar pela numeração das barracas que há em Lisboa — 25 mil. Eu não digo tantas, nem metade, mas que se comece já a fazer casas decentes, nem que seja com os vinte centavos do Totobola. É uma homenagem merecida ao heroísmo dos miseráveis. É um dar a mão a quem não tem forças para se levantar. Um remédio preventivo de alçance a três dimensões, contra a verdade daquela frase tão sintomática: «A mística do comunismo é facilmente assimilada pelos esfomeados».

Padre José Maria

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

## Do que nós necessitamos

É com um retalho de doutrina, da muita que recebemos dos leitores, e em resposta à que executamos, que abre a coluna de hoje.

500\$00 — «Vivo do que gano, mas vivo com desafogo, graças a Deus.

A leitura do Gaiato, porém, desperta-me remorsos e, de vez em quando, sou obrigado a agir. Ainda bem. Bem hajam».

Do grupo «Os Vais e Vens», de Gaia, no 3.º passeio anual, 32\$00. De Lisboa, 50\$00 para a Casa do Manuel Laranjeira. Pessoal numa fábrica com 50\$00. E. D. M. com 20\$00. Sufragando a alma dum ente querido 450\$00. Do Porto, 5\$00 em selos. Assinante 19193 com 100 angolares. Duas irmãs entregaram no Lar, 30\$00. Lisboa costumava, da sempre amiga Avó de Moscavide.

Tudo quanto os nossos amigos depositam no Espelho da Moda, cá vem parar. Entre a última remessa chegada, veio um fio de ouro acompanhado destas linhas:

«Duma grande devota de Pai Américo e admiradora da sua

Obra. Sou uma pobre e nada tenho para dar. Ofereço esta lembrança para que os Pobres pegam por mim e meus filhos».

Lisboa com 100\$, propositalmente anónimos. Mais os 20\$ da Rua da Madalena e 70\$00 de Coimbra desculpa pelo atraso. O Sr. Manuel, da Rua da Corticeira, cá está por Outubro e Novembro, e graças a Deus vai tendo saúde e trabalho.

O Porto com 20\$00, por ter ficado bem no exame. Pelo mesmo fim, 100\$00. Vila Real com 40\$00, pedindo orações para que o novo ano escolar corra de feição. 50\$00 de uma avó pela mesma alegria proporcionada pelos seus dois netos. E 20\$00 da Póvoa de Varzim e 100\$00 de «Uma Peniche» e também pelo bom êxito dos exames.

De um assinante de Rio Tinto, 100\$00 e uma carta:

«Junto envio 100\$00, como habitualmente, peço que aceitem, pois apesar de ter seis filhos e não ter abono de comissão, eu confio no Sobrenatural.

Há tantos Pobres, irmãos nos-

os, que passam fome e frio, e tantos que empregam o dinheiro para fins criminosos! Procuo dar bons conselhos a colegas que vivem em ambiente de lama e indignidade, e não recuam e não ligam aos conselhos! Que pena! Assim, cada vez a miséria é maior. Era preciso que os Senhores prégassem em todas as Igrejas e capelas de Portugal. Acorde do sono em que todos vivemos, para um Portugal melhor.

Pego-vos para que nas vossas orações pegam a Deus pela Sua bênção no meu lar, apesar de eu não ser digno, e por todos.

Um assinante»

Que dizer, a este acto de confiança na Providência? Só o amor a Deus e ao próximo, é capaz de tanto amor!

Da Beira, A. O. P., 100\$00. Do Pessoal da Mobil, 179\$00. Duma anónima, 20\$00. De não sei donde, 50\$00. De M. R. em memória de seu tio, 250\$00. Dum anónimo da Companhia dos Tabacos, 50\$00. De Companhia Mira com um cheque de 200\$00. De C. M. B. do Porto, 120\$00. Novamente a Invicta, com 70\$00 de «Uma Filomena».

Os sempre apetecidos pacotes de sempre. Um pacote delas e 200\$00, do Porto. De Bairro-Minho, panos, flanelas e cotim. Tudo coisa boa e em recordação do dia 6 de Novembro. Mais delas de Lisboa-3. Para os nossos mais pequeninos, roupas, tirones de um pequeno e seu cartãozinho: «Dum amiguinho dos batatinhas, para que pegam ao Menino Jesus pela minha felicidade e de meus queridos pais». Retalhos de seda para camisas, do sr. Oliveira, de Vizela. E mais dois pacotes de roupas, de gente sã. Vieram de Avelar. Da Inspeção da Acção Social-Lisboa, gente amiga que por lá temos, enviou-nos roupas a cheirar muito bem, e ainda por cima nos pede desculpa!

De António, para a «viúva da Nota da Quinzena» 100\$00, e igual quantia para ajudar uma mãe a alimentar seu filho referentes aos meses de Outubro e Novembro. «Por Alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava», 50\$00. De «Uma Amargurada» pelo dia 22, 50\$00. São prendas já conhecidas e amigas.

«No mês das almas e em sufrágio de todas as que no Purgatório estão a purificar-se, ofereço esta pequena importância para atender uma necessidade da Obra, 50\$00».

Parte do primeiro ordenado do meu filho 150\$00. Mais 300\$00 também de um primeiro ordenado. «Pela boa entrada que dei no meu primeiro emprego, 48\$00». Do Porto, 400\$00, metade do primeiro ordenado. Com o mesmo fim, 20\$00.

Por tudo e em tudo, graças ao Senhor.

Manuel Pinto

Tempo de Natal. Poucas épocas no ano como a quadra natalícia para o exercício de bem fazer. É tradição que vem de muito longe fazerem-se esmolas pelo Natal. O mistério religioso, o tempo frio, chuvoso, a falta de trabalho nos meios rurais, tudo isto se tem congregado e continua a congregar-se para que os homens se sintam mais próximos, mais obrigados. Daí costumes muito simpáticos. Como todos têm que consoar, todos deverão ter o necessário, ao menos, para essa refeição. Numa terra uma autoridade civil costumava, nos primeiros dias anteriores a Natal, dar trabalho a todos os homens, rapazes, pequenos de mais de treze ou catorze anos para que todas as famílias tivessem uma boa consoada. É a época do ano em que há mais bodos aos Pobres. É o tempo em que por iniciativa dos jornais, de empresas ou de organismos se fazem bolos às dezenas, mesmo às centenas para os menos afortunados. Também algumas senhoras, ou sózinhas ou em reuniões periódicas, fizeram de lá muito fina, para tal pequenito, mais frequentemente para tal pequenita, pois as meninas

costumam ter mais sorte nestas distribuições. Pela nossa parte só temos que louvar estas e outras modalidades de caridade ou de assistência, como lhe queiram chamar. Ficaríamos, no entanto, com sérios remorsos na consciência se não lembrássemos, precisamente nesta altura, que tudo isto é muito pouco; é muitíssimo pouco. Tem de ir muitíssimo além. É que, com tudo isto, os grandes ficam na mesma e os miseráveis ficam também... na mesma. O bodo pelo Natal e o casquinho que esteve quinze dias numa exposição, preso com fitinhas muito ricas e muito vistosas e as muitas convidadas a dizerem *ai que engraçadinho, ai que lindo, está mesmo fininho*, podem ser poeira ou uma das muitas formas de cada um se tentar enganar a si mesmo. Não somos contra os bodos mais os bolos e somos contra. Mas somos a favor de muito mais. O exercício da caridade não é uma brincadeira, um entretém, um passatempo. É, sim, o grande Mandamento de Cristo. Bodos? Bolos? Casquinhas? Seja. Mas muito mais, muitíssimo mais para além.

Padre Fonseca

# Natal

continuação da pág. UM

tência histórica no meio de nós. É a cada homem que vem a este mundo que compete descobri-Lo e ir ao Seu encontro. Como naquele tempo, Ele confunde-se com o resto dos homens. Escolhe o último lugar. Passa despercebido. Mas deixou caminho aberto e sinais claros para que o pudéssemos descobrir.

Aos pastores que guardavam os seus rebanhos naquela noite de Mistério, junto da gruta, disse o Anjo, anunciando a presença de Jesus no mundo: «Isto servir-vos-á de sinal: encontrareis um Menino, envolto em faixas e deitado numa manjedoura». E eles foram e descobriram-No.

Pois é este sinal que nos há-de levar também junto d'Ele. O anúncio do Anjo é dirigido a cada um dos homens sempre e sobretudo na hora que passa.

Havemos de O ir descobrir pequenino, embrulhado em farrapos — a pedir-nos roupas; a tiritar de frio — a pe-

dir-nos não o bafo quente dos animais, mas o nosso calor; tanta vez, onde faltam tantas vezes as palhas que receberam o Seu corpo recém-nascido — a pedir-nos uma cama. Sim, o convite do anjo aos pastores para irem à gruta de Belém é para cada um de nós. Vamos lá. Mas não fiemos parados junto do presépio a lamentar a sorte do Filho de Deus ao entrar no mundo, como coisa que já passou e já não é.

Não digas: — Se eu vivesse naquele tempo, como o meu se comportamento para com Ele seria tão diferente!... Como se Jesus não vivesse no teu tempo!... Como se Ele não continuasse a nascer em grutas... Como se muitas mães não tivessem de «O envolver em faixas e recliná-Lo em manjedouras» por não haver casas para Ele.

Este número de «O Gaiato» quer ser o eco da Voz de Jesus a pedir que O não deixem nascer mais em grutas, em manjedouras, em barracas...

P. e Manuel António

## TRIBUNA de Coimbra

«Olhe, sabe?, quase todos passam frios, pois têm poucas e são fraquitas as roupas das camas. E passam mal. Costumamos ir à hora da ceia dar uma voltinha por quase todas as casas. Só comem a sopita e é mal adubada. Só numa casa encontramos mais qualquer coisa».

Isto me disse ontem a irmã Maria Cecília, a Criadita dos Pobres que está ao leme da Casa-Mãe do bairro do Património de Coimbra. As Criaditas, no pequenino período de tempo que ali habitam, são já testemunhas do martírio daqueles nossos Irmãos.

Conversámos uns minutos. Fomos, em espírito, percorrer as dezenove famílias. Os ganhos. Os filhos. As doenças. As idades. O desequilíbrio de administração familiar. A falta de preparação. A miséria donde vieram. As taras. Os hábitos. Os vícios.

Quebrámos por nós mesmos. Resolvemos amá-los mais. Perdoar mais. Sentir mais. Confundir-nos com eles para os arrastar para o Céu já que na terra a vida dos Pobres não tem sentido, nem rumo.

Vou-te contar uma história. Não atires pedras, embora te apeteça fazê-lo. Lembra-te do Evangelho. Trouxeram a Jesus uma mulher encontrada a pecar. Os circunstantes acusaram. O Senhor olhou para ela e para eles. Pediu que aquele que se julgasse inocente atirasse a primeira pedra. Baixou os olhos. Todos, um a um, se re-

tiraram. Ninguém ousou condená-la. Jesus também não.

Telefonaram-me de Coimbra por causa dum pequeno de onze anos. Não tem ninguém. Foi recolhido por uma mulher e um homem que dizem não lhe ser nada. Foi ao encontro.

Um homem de trinta e dois anos. Operário. Roto, sujo e sem ideal. Diz gostar do pequeno. Levou-me à barraca onde... eu abismei. Uma vergonha. O interior dela era de lama como o exterior e acesso. Dentro uma cama velha com farrapos nojentos. A um cantito, na lama, mais uns farrapos onde o pequenito dorme. Uma espécie de divisão serve de cozinha. Nesta só um velho fogareiro em cima dum banco e alguma loiça dependurada nas tábuas e mais nada. As tábuas da barraca estão desconjuntadas e o tempo entra à vontade. O vento levou parte das telhas. Cá fora um cão magro e latas e papeis velhos.

Chocou-me a insensibilidade daquele operário tão novo e tão envelhecido. A multa com quem vive tem quarenta e tantos anos. Juntaram-se. Não são um do outro. Ela tinha ido para a lixeira escolher. O pequeno chama-lhe mãe. Deve sê-lo, mas não o quer. É nozeto. É da Casa do Gaiato. Apeteceu-me atirar-lhes pedras. Mas não. Encoragei aquele operário a sair do lodaçal em que vive.

Padre Horácio